

LETRAMENTO: análise de uma prática pedagógica a partir do gênero poema

Ângela Cristina Di Palma Back ⁵⁴

Anilse Maria Picollo Borttolin ⁵⁵

Jucelma Cardoso Cipriano ⁵⁶

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma prática pedagógica que teve como enfoque o gênero poema, na promoção do letramento. A fundamentação teórica vincula-se às reflexões de Bakhtin (2003), Geraldi (1992) e Soares (2006, 2010), trazendo para a discussão o viés teórico-literário problematizado em Lajolo (1996, 2001), Pacheco (2004) e Perrone-Moisés (1999) e levando em consideração também documentos educacionais, a exemplo dos PCN (1998). Os dados deste estudo compõem-se de observações da prática de ensino de uma professora junto aos estudantes do Ensino Fundamental de uma escola de educação básica do interior de Santa Catarina. A análise aponta para alguns pontos positivos em sua transposição didática, contudo leva-nos a uma reflexão sobre a caminhada que ainda deve ser feita, para que haja um trabalho com gêneros de maneira engajada à vida em sociedade, propiciando, assim, a promoção do letramento. Num passo além, sugerimos ainda outras atividades que possam contribuir para a apropriação do gênero poema e o avanço junto às práticas de linguagem.

Palavras-chave: Gênero Poema. Prática Pedagógica. Letramento.

⁵⁴ Professora Doutora do PPGE da Universidade do Extremo Sul Catarinense e Orientadora do artigo.

⁵⁵ Mestranda em Educação do PPGE da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

⁵⁶ Mestranda em Educação do PPGE da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

LITERACY: an analysis of a pedagogical practice based on the poetry genre

ABSTRACT

This article presents a pedagogical practice that was focused on the poetry genre, in promoting literacy. It is theoretically based on the reflections of Bakhtin (2003), Geraldi (1992) and Smith (2006, 2010) as well as the theoretical and literary discussions presented by Lajolo (1996, 2001), Pacheco (2004) and Perrone-Moses (1999). Furthermore, it also takes into account educational documents, such as the National Curriculum Parameters (1998). Data for this study consist of observations of the classroom performance of an elementary school teacher in the rural area of Santa Catarina. The analysis reveals some positive aspects of her didactic transposition. However, it leads us to reflect on the journey that is yet to be made so that the exploitation of genres in the classroom can be connected to the social reality of the students, and thus promote literacy. In a step further, we still suggest other activities that may contribute to the appropriation of this genre and the development of language practices.

Keywords: Poetry Genre. Pedagogical Practice. Literacy.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, vimos como há uma preocupação em lecionar a disciplina de Língua Portuguesa de maneira que os estudantes não criem aversão à disciplina, além de garantir-lhes um conhecimento sólido em relação a sua língua materna, promovendo assim, o letramento. Conforme Brandão (2000, p.17):

Para que se operem transformações na relação ensino-aprendizagem, necessário se faz um redimensionamento na forma de trabalhar a linguagem. Hoje é quase que consensual que

esse trabalho deve estar centrado no texto. Desde a década de 80, todo um trabalho vem sendo feito nesse sentido, não só em termos de capacitação, de treinamento dos professores, mas um conjunto de obras propondo mudanças, relatando e discutindo experiências, vem sendo publicado. No entanto, para muitos, o texto é ainda utilizado como pretexto para a exploração das formas gramaticais isoladas do contexto ou como material anódino, indiferenciado, a ser trabalhado de forma homogênea nas pretensas atividades de leitura.

Com este olhar, muito se tem discutido em relação ao tratamento didático com os gêneros discursivos, que circulam em nossa

sociedade e se materializam sob diversos textos, desde o *e-mail* à tese de doutorado. Isso posto, devemos, enquanto profissionais da educação, propiciar a construção do conhecimento com base nessas materializações (enunciados) e, em alguns casos, segundo a circulação social do texto, também a apropriação, por meio de práticas de linguagem, de alguns dos vários gêneros, o que proporcionará aos estudantes uma vida em sociedade participante, na qual estejam inseridos e façam a diferença na construção de um mundo melhor, constituindo-se, assim, sua identidade, pois deixa de ‘estar no mundo’ para ‘agir no mundo’, daí sim o processo de “letrar”¹ cumpre com seu objetivo.

Contudo, a mudança de paradigma que se vem operando na esfera escolar depende de vários fatores, e um deles, que é de suma importância, é a educação de qualidade. Então, associado à discussão anteriormente posta, muito se tem perguntado a respeito de como se trabalhar de maneira significativa a Língua Portuguesa? Como se trabalhar com gêneros discursivos?

Dado o contexto e as indagações do trabalho com texto na perspectiva de gênero, o presente trabalho propõe-se a discutir a elaboração didática de uma professora do 4º ano de uma escola de educação básica, ao trabalhar com o gênero poema, observando, ao longo das seis aulas dedicadas ao gênero, como os estudantes foram se apropriando dos sentidos que se faziam no e pelo texto por meio das práticas de linguagem, bem como refletir e analisar se tais práticas, utilizadas pela professora, propiciaram o letramento. Vale ressaltar que, de acordo com Soares (2006, p.6), letramento é “o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever,

mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com práticas sociais de interação oral”.

Nessa perspectiva, a reflexão se deu sobre as práticas observadas da professora em sala de aula, somado à análise das produções do gênero poema, estas feitas pelos estudantes. Os resultados aqui obtidos podem vir a corroborar como sugestões de elaboração didática, que venham a contribuir para as práticas educacionais de linguagem realizadas em nossas escolas, de modo que o “fazer” pedagógico não se limite a alfabetizar, mas “letrar” as crianças para que sejam cidadãos e que tenham o domínio da linguagem, entendida como social e, por isso, indispensável para e nas relações (práticas) sociais.

O estudo do gênero poema neste artigo é ancorado na visão bakhtiniana, vislumbrando a linguagem como social e, assim, posicionando-se sobre a necessidade de um ensino de Língua Portuguesa voltado para as práticas sociais. A metodologia utilizada consiste no olhar do observador que busca não apontar os possíveis defeitos, mas sim daquele que compreende o professor como aquele que estabelece a mediação, com vistas a propiciar a construção do conhecimento de seu aluno.

Durante a observação das seis aulas dedicadas ao poema, coletaram-se dados empíricos, focalizando as atividades realizadas e a produção dos poemas decorrentes do livro didático utilizado. Ratifica-se que a orientação desse trabalho se faz com base em autores como Bakhtin (1992, 1997, 2003), Rodrigues (2005) e Soares (2006), de modo a tecer uma análise que nos

aponte para as possíveis contribuições das atividades na promoção do letramento.

Destarte, utilizando um referencial que pressupõe o trabalho com a linguagem na perspectiva discursiva, ancorado na linguagem como fator de interação, o tratamento científico dado às observações e aos poemas coletados objetiva uma discussão do ensino de Língua Portuguesa, enfocando no gênero poema. E, neste, inclui-se a literatura, verificando se, ao trabalhar com o gênero poema, a professora proporcionou esta reflexão social face à dinâmica constatada por meio da língua, vendo nesta o seu uso na vida em sociedade.

Tais apontamentos contribuem para a reflexão do professor em sua *práxis*, fato que corrobora para a melhoria da educação brasileira. Isso posto, este trabalho se organiza de modo, primeiramente, a explicitar a reflexão teórica assumida em relação à concepção de gênero poema como integrante da esfera da arte (criação), mais especificamente a literatura. Depois apresentamos o caminho metodológico percorrido durante a coleta de dados que se desdobraram na análise junto às três últimas seções, somando-se as sugestões de atividades que podem ser utilizadas em sala de aula, ao se trabalhar com o gênero.

2. GÊNERO DISCURSIVO: FOCO NO POEMA

De acordo com Bakhtin (2000, p.279), gêneros do discurso “são tipos relativamente estáveis de enunciados”. Nesse sentido, o autor concebia a língua como dialógica: no contato, por meio da interação social, e devido à necessidade, enquanto seres sociais que

somos, que aprendemos a nos comunicar e a utilizar os mais variados enunciados cuja forma remete a gêneros, como *e-mail*, receita, notícia, etc. – uns mais estáveis outros menos. “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana (...)”. (BAKHTIN, 2000 [1952-1953], p.261).

O caráter social da linguagem se manifesta segundo as diferentes esferas sociais, de modo a fazer uso da língua (gem) com adequação a fim de manter simetria com as distintas esferas de atividades humanas, daí as formas que se originam dessas esferas materializarem-se como enunciados típicos, que são os gêneros do discurso. Eles são dinâmicos, vivos, entretanto, possuem características comuns quando associados às mesmas esferas de atividade humana. É importante compreender os conceitos no entorno do gênero, para que possamos compreender o funcionamento da linguagem segundo a perspectiva que adotamos. Para tanto, tomemos como exemplo o conceito de ‘língua’ sem a qual não se pode avançar na compreensão de ‘discurso’ que anda colado ao de ‘gênero’: E o discurso, o que é? De acordo com Bakhtin (2008, p.207), discurso é “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso”.

Ou seja, com esta citação fica evidente a defesa da língua viva, como objeto de estudo e não uma língua enquanto sistema, estudada separadamente, como por exemplo, faziam os formalistas. A defesa conceitual de Bakhtin é

por percebermos o caráter maior da linguagem e sua complexidade que se manifesta nos diversos gêneros utilizados em nosso dia-a-dia. Estudar a língua na perspectiva discursiva permite adentrar ao mundo da linguagem, pois se captam suas dimensões que não se limitam as de natureza estrutural, mas sociopragmáticas.

Em se tratando especificamente do gênero poema, da esfera literária, primeiramente, buscamos investigar qual é o tratamento dado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) aos textos literários para o Ensino Fundamental, visto que a escolha dos livros didáticos é feita em nível de federação. Segundo os PCN (1998, p.37):

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado à prática cotidiana da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. A questão do ensino de literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino de boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas de “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

O destaque dado pelos PCN à Literatura enquanto área de conhecimento a

ser trabalhada na escola mostra-se de importância fundamental. Também se percebe a crítica daqueles que utilizam um texto literário como pretexto para “pedagogização”, ensino gramatical etc., menos para trabalhá-lo como objeto de conhecimento, reflexão, fruição estética entre tantos outros elementos importantes que a literatura pode fornecer ao leitor crítico-reflexivo.

Neste sentido, de trabalhar verdadeiramente a literatura, é que fundamentamo-nos sob a visão bakhtiniana, percebendo a importância de se ensinar a língua em suas mais variadas formas discursivas, de modo a explicitar que é por meio dos gêneros que nos comunicamos e nos fazemos entender. Para Bakhtin (2000 [1952 – 1953], p.301):

A língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós ouvimos e nós reproduzimos na comunicação viva com as pessoas que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações [enunciados] e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas).

A citação acima privilegia o estudo da língua na perspectiva discursiva, pois a concepção que a embasa é o de uma língua viva, em situação de uso concreto de interação, a exemplo do texto literário, que não pode ser reduzido, na prática pedagógica, ao mero estudo das formas, tornando-o um texto sem vida, artificial.

O gênero da esfera literária, “Como qualquer obra de arte, oferece a possibilidade, dentro de uma relação dialógica, de cultivar espaços constantes de recriação e reformulação interior a partir do confronto autor – obra – interlocutor” (PACHECO, 2004, p.214), daí fazer-se necessário uma melhor condução das “leituras” (ou outras práticas de linguagem associadas) que se pode fazer a partir de um poema, pois, ao ser trabalhado na perspectiva discursiva, chamando os elementos inerentes ao gênero com vistas explicitar, por exemplo, a fruição, que ora nasce do modo como são organizadas as palavras ora dos sentidos composicionais no interior delas próprias, como possibilidades de construção de sentidos, passa a ser uma fonte interessante para o desenvolvimento do letramento, visto o valor estético e interpretativo que pode advir deste gênero. Conforme Lajolo (2001):

[...] um poema é um jogo com a linguagem. Compõe-se de palavras: palavras soltas, palavras empilhadas, palavras em fila, palavras desenhadas, palavras em ritmo diferente da fala do dia a dia. Além de diferentes pela sonoridade e pela disposição na página, os poemas representam uma maneira original de ver o mundo, de dizer as coisas [...]

Com base no excerto de Lajolo,

parece-nos relevante que a escola privilegie espaços para trabalhar a literatura, muitas vezes deixada de lado, pois “exige tempo, atenção, concentração, luxos ou esforços que não condizem com a vida cotidiana atual”. (PERRONE-MOISÉS, 2003, p.178). Devemos lutar contra a exclusão ou mau uso dela em nossas escolas, porque o seu estudo e apropriação são muito necessários para a construção do cidadão letrado, sobretudo no que diz respeito ao acesso aos bens culturais, que esse tipo de gênero pode oferecer.

3. CAMINHO PERCORRIDO

O *corpus* foi constituído a partir de observações realizadas, conforme já dito, nas aulas de uma professora do 4º ano do ensino fundamental, pertencente à rede municipal de ensino. Portanto, trata-se de uma pesquisa da área das ciências humanas. A esse respeito, Bakhtin (2000, p.403) observa o caráter dialógico dos sujeitos, segundo o qual:

Qualquer objeto do conhecimento pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico.

Ou seja, nas ciências humanas há o sujeito que é um ser histórico, sendo assim, dialoga na tecedura dos séculos em que a humanidade caminha, participando ativamente da pesquisa. Também optamos, com base no *corpus* de estudo, pela pesquisa qualitativa, que para Bruno (2007, p.47) “é decorrente do significado atribuído pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa a partir da intersubjeti-

vidade”. A turma em estudo é composta por 26 alunos (aproximadamente 50% meninos e meninas), sujeitos do processo de investigação.

Enfocando o gênero poema, foram utilizadas seis aulas pela professora. Os pontos que elencamos para análise e reflexão são decorrentes dos seguintes questionamentos: ‘Que práticas discursivas a professora utilizou ao trabalhar com poema?’ ‘Essas práticas promovem o letramento?’ ‘Ou o texto é destituído de sua compreensão enquanto gênero discursivo, na medida em que é utilizado como pretexto para se trabalhar gramática?’ ‘E a produção dos poemas, como se deu?’ ‘Que sugestões há para se trabalhar com esse gênero em sala de aula?’

Para respondermos às perguntas suscitadas, fundamentamos nossa análise segundo a concepção bakhtiniana de linguagem, compreendendo-a como inerente às relações sociais, de modo que se torna indispensável conhecê-la em suas mais diferentes manifestações linguísticas, para que as pessoas possam utilizá-la com proficiência nas diversas esferas sociais.

4. OBSERVANDO AS PRÁTICAS DISCURSIVAS UTILIZADAS

O poema enquanto gênero possui riqueza no que concerne às variadas possibilidades de expressar os sentidos, considerando as múltiplas dimensões da linguagem, e, assim, permite realizar um trabalho criativo, usufruindo de gesto, movimento, imaginação, fala, escuta, escrita e recriação da linguagem. Esse gênero discursivo, por exemplo, possibilita expressar ou evocar sensações, impressões e emoções

por meio da união de sons, ritmos e melodia, utilizando-se de um léxico muitas vezes conotados (metáforas, metonímias, hipérboles, eufemismos, antíteses etc.), sendo apropriado, enquanto gênero literário, para inserir os pequenos, pois se tratam de crianças entre nove e dez anos, que cursam o 4º ano do ensino fundamental.

Isso posto, é sabido da importância quanto ao uso do gênero poema na sala de aula para despertar a sensibilidade inerente à criança e o senso poético, além de possibilitar a formação de leitores que possuam uma visão mais sensível do mundo. Vale destacar que a escolha dos poemas para as atividades em sala de aula deve ser criteriosa, o professor precisa observar não apenas a qualidade estética do poema, mas também o nível de maturidade dos alunos, caso contrário, o uso do gênero poema na sala de aula se tornará uma experiência sem sentido, sobretudo se for puro pretexto para se trabalhar gramática ou teoria gramatical. Segundo Geraldi (1992, p.121), “ensinar a língua é ampliar a experiência do aluno com a nossa. Por isso, importa ensinar a língua e não a gramática, pois esta deve constituir um dos meios para alcançar o objetivo que se tem em mira”.

Portanto, faz-se necessário que o professor não perca de vista seu objetivo na disciplina de LP que é trabalhar com a linguagem, assim, quando necessário, utilizando a gramática que existe na língua para construir sentidos e não o contrário.

Focalizando a turma em estudo, a professora do 4º ano iniciou falando sobre poema. Neste sentido, explanou sobre o que seria um poema, sobre alguns recursos utilizados como rima, sonoridade; também

ressaltou que nem todo poema tem rima, mas possui em si uma maneira diferente de dizer algo.

Neste ponto, refletimos sobre a abordagem utilizada pela professora, que iniciou sua aula sobre poema falando da forma, ou seja, a ênfase foi dada à estrutura do gênero em questão e não ao seu papel social, à leitura, ao sentido dele como pertencente à sociedade, que possui uma historicidade. Em face disso, podemos dizer que a prática pedagógica da professora não privilegiou o trabalho na perspectiva discursiva que pressupõe um trabalho com a totalidade do gênero, portanto, na contramão da citação anterior de Geraldi (*op. cit.*), não explorando outras experiências a partir da leitura do poema.

Dando continuidade, a professora pediu para que os estudantes abrissem o livro didático, que se chama “Projeto Prosa”, de Angélica Prado e Cristina Hülle, na página quarenta, para que lessem o poema de Elias José, intitulado “Aves e meninos”, e a professora fez a primeira leitura:

Aves e meninos

Ave, aves
Que dão calor,
Energia,
Liberdade e asas
Aos meninos!

Asas tão macias,
Tão coloridas,

Asas tão sorridentes,
Cheias de luz,
Iluminando os meninos.

No calor do toque
Das coloridas asas
Os meninos brincam,
Os meninos voam,
os meninos sonham
e crescem.

Fonte: Elias José. *Mágica terra brasileira*. São Paulo: Formato, 2006. P.21.

Após a leitura, a professora reforçou o que seria um poema, os traços poéticos utilizados pelo poeta, além de falar, que o poema foi inspirado na tela “Aves e meninos”, de Meiga Vasconcellos, informação esta, que está no livro e que retrata o universo de crianças com aves nas mãos, o que não limitaria a professora, enquanto agente de sua aula, a avançar pesquisando e explorando mais o universo extralinguístico que estabelece a correlação entre os dois gêneros: poema e tela.

Dando continuidade, a professora selecionou a atividade de número seis do livro, que consistia em completar alguns versos com novas ideias:

Os meninos _____,
Os meninos _____,
Os meninos _____
e _____.

Nessa prática aparentemente simples, a professora propiciou que meninos e meninas falassem a respeito dos seus pensamentos, inclusive, pode-se observar um parâmetro de hostilidade, das meninas em relação aos meninos, e já os meninos mantiveram a postura de evidenciar o mundo masculino de suas brincadeiras e ações, não se preocupando ou mostrando um olhar reprovador em relação ao universo das meninas.

Entretanto, ainda nos parece uma atividade reducionista, pois iniciou o trabalho escrito com o gênero, a partir de um exercício do livro que era de preenchimento de lacunas para que o aluno fizesse rimas, novamente privilegiando a forma. Ela poderia ter pedido uma produção no sentido de fazer com que os alunos mostrassem o que sentiram ao ler o poema, por exemplo.

Trabalhar com o gênero não significa que o aluno tenha que escrever o gênero; sobretudo nesse caso, pois a maioria não será poeta. Entretanto, propiciar a fruição é um bom caminho para o desenvolvimento da prática leitora. Os estudantes precisam saber ler os múltiplos sentidos que se constituem na tessitura textual do gênero, esse deve ser o foco.

Com base na prática pedagógica da professora observada, percebemos uma discrepância entre a prática e a abordagem defendida pela Proposta Curricular de Forquilha (2009, p.91 *apud* Barbato, 2008, p. 14):

Quando trabalhamos a leitura e a escrita a partir de uma perspectiva do letramento, temos em vista um processo de ensino-aprendizado que busca as questões culturais,

as situações sócio-comunicativas variadas à necessidade de interação entre o conhecimento novo apresentado na escola e em outros lugares em que aprendemos a ler o mundo. Os processos de leitura e escrita se desenvolvem e resultam dessa interação. Atualmente valorizamos muito o aprendizado da leitura e da escrita como experiência letrada. Pensamos que uma pessoa participa ativamente da cultura letrada quanto mais experiências ela tem com diferentes materiais escritos em gêneros textuais diversos.

Em seguida, a professora quis adentrar mais no universo do poema, sugerindo aos estudantes uma produção textual do gênero, entretanto não houve mais atividades, o que nos parece um trabalho um tanto fragmentado, uma vez que ela não delimitou um tema, deixando livre, mas que este fosse algo que mexesse com seus sentimentos e emoções, pois seriam expostos no mural da escola.

Nossa reflexão é: *será que a prática de leitura e escrita não foram pouco exploradas?* E mais, não podemos perder de vista a necessidade de desenvolver não somente o “eu lírico”, mas também o social, não deixando de lado a estética, tão clara no gênero poema. Sendo assim, muito mais que partir diretamente à escrita do poema, será que práticas de leitura e escrita, seguidas de análise linguística não teriam propiciado avançar mais no letramento dos estudantes?

Prosseguindo, na próxima aula de Língua Portuguesa, os estudantes dedicaram às quatro aulas para a atividade de refacção, cujo processo consistiu na leitura de cada poema, por parte da professora e suas sugestões de melhoria, que se limitaram a estrutura e correção ortográfica. Depois da

versão final, os estudantes passaram para uma folha ofício e a ilustraram para a exposição.

Percebe-se, assim, que a professora teve a preocupação de ter um leitor para estes poemas, que não se limitou a ela, mas também todos os envolvidos no ambiente escolar, o que é positivo, pois temos que deixar de produzir trabalhos escolares cujo interlocutor seja única e exclusivamente o professor, haja vista parecer para o aluno uma atividade sem sentido, pois o papel social de professor sempre é o de um avaliador em potencial. O importante em se ter um interlocutor decorre justamente de a prática ser significativa, de modo a envolver atividades que tenham um porquê e para que, agindo sobre os estudantes e fazendo-os sentirem-se motivados ao escrever e, também, fazendo com que percebam o papel social dos mais diversos gêneros e, conseqüentemente, dos envolvidos na situação de interação, mesmo que esta seja *a posteriori*, quando o leitor acessar ao texto produzido.

Porém, a prática da professora aqui apresentada poderia ter ido além do superficial do gênero, sua estrutura, rima etc., tendo uma abordagem social da linguagem e, por conseguinte, do gênero poema. Práticas de leitura e escrita poderiam ser intensificadas não perdendo de vista o sentido, o uso, a totalidade do gênero, que se bem trabalhado promove o letramento, fato que nos parece não ter sido exitoso.

4.1. TRABALHANDO COM O LIVRO DIDÁTICO

Vemos o livro didático não como um ‘vilão’, mas sim como um ‘bom amigo’ do professor, se utilizado da maneira adequada,

que, para nós, consiste na postura do professor em ser o autor de sua aula, aquele que conhece os seus alunos e sabe das necessidades de sua turma. Sendo assim, defendemos que o livro didático é uma das muitas ferramentas do bom profissional e que o professor, principalmente, pensando em suas condições objetivas de trabalho pode ter no livro didático um auxiliar para o desenvolvimento de suas aulas.

Analisando de maneira sucinta o livro didático adotado pelo município, intitulado “Projeto Prosa”, de Angélica Prado e Cristina Hülle, devido ao espaço aqui para análise, percebeu-se que se trata de um bom material, pois apresenta os gêneros, como o “gênero poema” em vários momentos, aponta gêneros diversificados, sugere o uso do dicionário, propõe atividades que vão da decodificação a perguntas que necessitam de conhecimento de mundo dos estudantes para a interpretação.

Já entre os pontos negativos, percebe-se que poderiam ser mais exploradas as questões que pedem que o estudante reflita, use seu conhecimento já adquirido para a sua interpretação, explore mais atividades orais, que é uma das quatro habilidades linguísticas; por fim, as interpretações são geralmente respondidas no caderno. Atividades de produção de texto quase não são sugeridas e a refacção não aparece nesta obra.

Sendo assim, o livro pode ser uma das ferramentas utilizadas pelo professor em sua prática pedagógica, mas não a única e sempre lembrando a importância do professor ser o autor de sua aula, pois o “pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor” (LAJOLO, 1996, p.6).

5. OBSERVANDO OS ESTUDANTES

Na turma do 4º em que foi realizada a pesquisa, há 26 alunos. Eles possuem uma realidade social considerada boa, já que se trata de um município com baixo índice de pobreza, e os estudantes em estudo pertencem à classe média, também apresentam interesse nas aulas, participando durante a edição delas, fazendo perguntas, dando também as suas contribuições.

Um ponto observado é que há certa divisão entre meninos e meninas e que se confirmou em uma das atividades sugeridas pela professora, que era de completar alguns versos com novas ideias, atividade apresentada anteriormente. Enquanto os meninos evidenciam o mundo masculino, suas brincadeiras e ações, as meninas, por sua vez, revelaram seus pensamentos contraditórios em relação aos atos do gênero oposto.

Em relação às aulas dedicadas ao gênero poema, demonstraram-se preocupados, principalmente, com os erros ortográficos, pois os poemas seriam expostos no mural da escola.

6. ANALISANDO AS PRODUÇÕES: OS POEMAS

Nesta seção, propomo-nos a fazer uma análise das produções textuais dos estudantes, que são poemas que descrevem a vida infantil, lembrando que são meninos e meninas entre nove e dez anos, imersos nesse processo que visa a ir além da alfabetização, “letrando-os” continuamente.

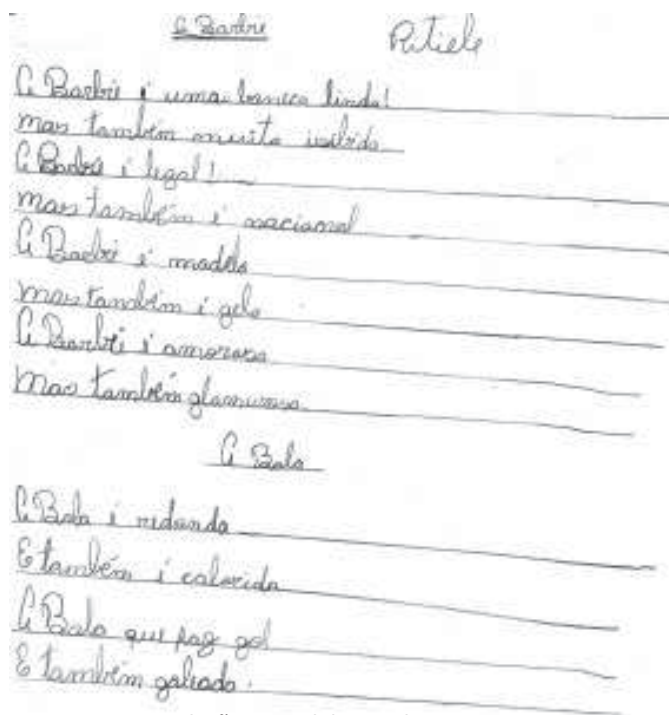
Então, verificamos a Proposta Curricular da cidade da qual a escola faz parte, investigando se o gênero é sugerido nas séries

iniciais, o que se confirma “Textos literários: poesias, poemas, histórias, contos etc.”. (PCF, 2009, p.96) ³, bem como sugestões de tratamento didático colocadas pelo material.

Para que possamos trabalhar no processo de alfabetização com letramento, precisamos levar em consideração o conhecimento que o aluno traz consigo, transformando isso em compreensão da leitura e apropriação da escrita, levando-o a outros conhecimentos bem como a capacidade de construir e reconstruir significados.

Vejam os dois exemplos de produções de poema:

**Figura 01 – Poemas:
A Barbie e A Bola**



Fonte: Produção textual da estudante RI

Tanto no poema construído: “A Barbie” quanto no poema: “A Bola”, o estudante fez um trabalho revelando sua criação,

utilizando-se da forma e musicalidade que o gênero concebe para expressar sua concepção sobre a boneca e a bola que fazem parte dos brinquedos que costuma brincar no dia-a-dia.

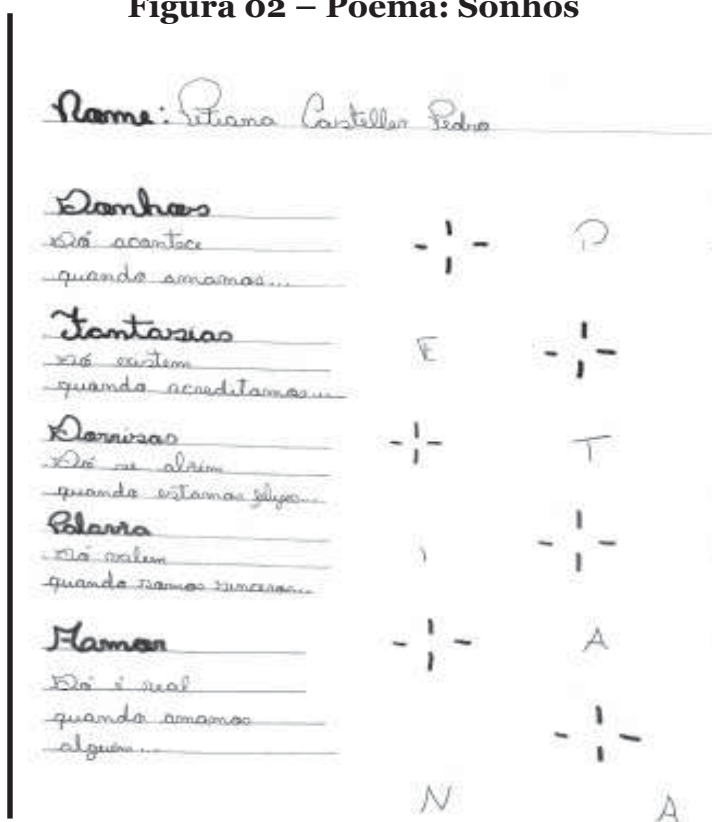
Entretanto a falta de delimitação de um tema dificulta o trabalho de produção dos estudantes, uma vez que só se “diz” quando se tem algo “a dizer” e esse processo não foi feito durante as aulas, sendo assim, eles recorreram aos seus conhecimentos de vida, mergulhando no universo infantil. Outra análise que fizemos é o fato de os poemas serem superficiais no tocante à preocupação, por parte dos alunos, muito mais com a forma e estrutura do que com o sentido, com a mensagem ao interlocutor. Fato este que já vimos ao longo do trabalho observando e refletindo. Ou seja, encontramos lacunas nesse processo de produção do poema,

deixando-o fragmentado e a PCF (2009, p.91) registra que “a ideia não é só ensinar os códigos da leitura e escrita relacionando-os ao som das letras, mas sim, fazer com que o/a aluno/a compreenda o significado prático da escrita”.

Sendo assim, pensamos que se deixou a desejar na parte da construção dos sentidos, privilegiando a forma e não o uso prático da leitura para a vida dos estudantes, a partir de gêneros mais simples como um bilhete para os pais, ou ao longo da vida aprender a ler um documento, um artigo científico etc.

E, agora, analisemos outro poema, que contém mais elementos constituintes deste gênero, lembrando que não se espera formar poetas, o principal objetivo é apropriar-se do gênero e, se conseguir fazê-lo compondo, tanto melhor.

Figura 02 – Poema: Sonhos



Fonte: Produção textual da estudante PE.

Ao observar o trabalho da estudante, nota-se que ela procurou expressar mais o lado sentimental e, pela exposição de suas ideias na escrita, percebe-se também maior ênfase à beleza estética para revelar suas emoções.

Vê-se a recorrência significativa do vocábulo ‘quando’ para dar uma ideia de tempo e condição ao conceito que abre cada estrofe, isso resguarda certa estética, além do uso de desenhos para ilustrá-lo, enfatizando que o conteúdo é importante para esta estudante. Outro detalhe é interpretarmos os múltiplos sentidos proporcionados pelo uso das reticências que se dá a cada final de estrofe. Enfim, nesse poema manifesta-se uma centelha do texto literário e seus matizes, mesmo não tendo sido o foco da professora, percebe-se que a estudante saiu da superficialidade do gênero e recorreu aos múltiplos sentidos que ele proporciona.

7. ALGUMAS SUGESTÕES

Como falamos no início de nosso trabalho, objetiva-se contribuir para a melhoria das práticas discursivas com aulas que se centram na linguagem e em seu caráter social, deixando de ser apenas aulas de gramática e teoria gramatical, portanto não se limitando à forma dos múltiplos registros linguísticos.

Entre as nossas sugestões, fica a reflexão sobre, primeiramente, o fato de a professora não ter perguntado aos estudantes, por exemplo, se conheciam alguém que costumasse brincar com aves ou se algum deles tinha este costume, ou seja, explorando conhecimentos de mundo que, certamente, o aluno traz consigo. Esse

contraponto, com certeza, teria os deixado mais abertos para falarem. Conforme os PCN (1998):

É preciso conhecer melhor os alunos, elaborar novos projetos, redefinir objetivos, buscar conteúdos significativos e novas formas de avaliar que resultem em propostas metodológicas inovadoras, com intuito de viabilizar a aprendizagem dos alunos.

Além do que, a pintura poderia ter sido mais explorada, tratava-se de um ambiente rural ou urbano? Os costumes mineiros, que tanto inspiraram a pintora Meiga Vilas Boas Vasconcellos, será que existem no município no qual a escola se insere, que está expandindo, mas que possui traços rurais também? Pensamos que esse entrelace deveria ter sido mais explorado, indo além do livro didático, que não coloca de onde vem a inspiração da pintora.

Outra sugestão é devido ao fato de que a professora lhes deu tema livre para que escrevessem seu poema, dar um tema livre pode se tornar complicado para a criança, pois escrevemos a partir de um conhecimento que é construído, portanto, pensamos que delimitar o tema sempre é mais interessante do que deixá-lo livre. Uma sugestão de tema seria, após uma pesquisa, que eles escrevessem sobre seus animais de estimação, por exemplo, é uma opção.

Também pensamos que seria uma boa oportunidade para se explorar mais o poema, pois apenas uma atividade foi feita, além do que o processo de elaboração de um poema pode ser difícil para a criança, então começar fazendo versos, estrofes, até chegar ao poema

também podem se constituir em boas atividades de leitura e escrita, desde que o professor identifique, na turma, esse viés ligado à arte literária. Do contrário, não nos preocupamos em formar poetas, mas que os alunos possam acessar ao prazer estético e aos bens culturais por meio da linguagem que ali figura.

Por fim, essas são algumas atividades que podem ser acrescentadas, refletidas com intuito de crescermos profissionalmente, resultando, assim, em aulas mais dinâmicas, participativas e que propiciem o letramento.

8. PONTUANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Enfim, chegamos ao fim deste trabalho fruto da pesquisa sobre a prática pedagógica na perspectiva do ensino-aprendizagem da linguagem, com algumas inquietações. Percebemos alguns pontos positivos e também consideramos que há muito por ser feito para que se tenha uma prática pedagógica voltada ao social, voltada ao todo e não a fragmentos deste todo. Enfocando o gênero poema, com base nas observações e coleta de dados, que são produções desse gênero, vimos um tratamento didático muito mais voltado à estrutura, aos itens de poema, como estrofes, rimas, do que o estudo do poema em si, na sua totalidade discursiva, de modo a adentrar o universo da linguagem.

Parece-nos que faltou explorar práticas linguísticas como leitura e escrita, bem como a leitura de mundo da obra literária, a sua literalidade, a sua função e lugar na sociedade, o que levaria à promoção efetiva do letramento “que é, sobretudo, Um mapa do coração do homem, Um mapa de

quem você é, E de tudo que você pode ser” (SOARES 2010, p.41 *apud* Kate M. Chong 1986).

Pontuamos também que a professora tentou trabalhar com gênero em sala de aula, fato este positivo, mas parece-nos que ainda há um despreparo em explorá-lo, realizando, assim, um trabalho insipiente. Entretanto, acreditamos que esse caminhar junto à formação continuada do professor possa propiciá-lo uma melhor condução do trabalho com gêneros discursivos. Conforme Soares (2006, p.43):

(...) os exercícios que, em geral, são propostos aos alunos sobre os textos da literatura não conduzem à análise do que é essencial neles, isto é, à percepção de sua literariedade, dos recursos de expressão, do uso estético da linguagem; centram-se nos conteúdos, e não na recriação que deles faz a literatura (...)

Destarte, na proposta didática da professora, as atividades não conduziram a uma análise no que é essencial, mas muito mais à superficialidade do gênero, fato este que deve ser repensado/ressignificado, pois o texto literário contribui e muito no processo de letramento, sobretudo no que se refere à formação cidadã.

Além disso, salientamos que, por exemplo, a ideia de expor os poemas, no mural da escola, foi positiva, uma vez que havia “um outro” para ler, o dialogismo bakhtiniano, não ficando apenas um trabalho direcionado ao professor, com o propósito de avaliar.

Resta-nos uma reflexão dos passos dados pela professora, a leitura de um poema do livro, uma atividade de preenchimento de

lacunas e, logo em seguida, a proposta de construção de um poema com tema livre. Esses passos apresentaram-se desconectados, principalmente no que concerne ao real valor do gênero em sala, bem como as múltiplas possibilidades que ele dá ao professor, ao fazer a transposição didática, mas que, sobretudo, quer que seus estudantes leiam o mundo, saibam os diversos gêneros que perpassam em nossa história, enquanto civilização e possam fazer uso deles com proficiência.

Sendo assim, a promoção efetiva do letramento não se deu, com base na prática de ensino da professora, embora tenha possibilitado o acesso ao texto, ele não se fez na perspectiva do gênero discursivo, haja vista o foco ter se limitado à superfície e não junto à exploração dos múltiplos sentidos de modo a significar na textualidade, este último é que realmente propicia o letramento e, sucessivamente, corrobora para um ensino de Língua Portuguesa significativo para os estudantes.

Recebido em: Junho de 2012

Aceito em: julho de 2012

9. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 4^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1998.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do Discurso na Escola**. São Paulo: Cortez, 2000.

BRUNO, Adriana Rocha. **A Aprendizagem do educador: estratégias para a construção de uma didática online**. Programa de Pós-graduação em Educação, 2007. Doutorado. PUCSP.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n^o 69, jan/mar, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Palavras de encantamento**. São Paulo: Moderna, 2001.

PACHECO, Patrícia da S. A linguagem literária em tempos de crise. In APARECIDA et Al. **Democratizando a leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRADO, Angélica, HÜLLE, Cristina. **Projeto Prosa: língua portuguesa, 4^o ano**.

São Paulo: Saraiva, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Altas literatu-
ras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Proposta
Curricular dos Anos Iniciais do Ensi-
no Fundamental da Rede Municipal**.
Forquilha, SC, 2009.

SOARES, Magda. A escolarização da litera-
tura infantil e juvenil. In: **A escolarização
da leitura literária**. Belo Horizonte, autên-
tica, 2006.

_____. **Letramento: um tema em
três gêneros**. 4^a. ed. Belo Horizonte: Au-
têntica Editora, 2010.